

Tecnologias Digitais na Educação de Jovens e Adultos: um relato sobre ações de reconhecimento e combate a riscos virtuais

André Almeida Silva¹, Gustavo Henrique Ferreira de Miranda Oliveira²,
Caroline Tavares²

¹ Universidade Federal de Alagoas (UFAL) – Campus Arapiraca (Sede)
Av. Manoel S. Barbosa S/N, Bom Sucesso – 57309-005 – Arapiraca - AL – Brasil

² Universidade Federal de Alagoas (UFAL) – Campus Arapiraca (UE Penedo)
Av. Beira Rio S/N, Centro – 57200-000 – Penedo – AL – Brasil

andre.almeida@arapiraca.ufal.br

gustavo.oliveira@penedo.ufal.br

caroline.tavares@arapiraca.ufal.br

Abstract. *This article falls within the context of Digital Technologies in Education and reports the authors' experience in conducting an extension course on addressing online risks and scams for Adult and Youth Education (EJA in Portuguese) students. The results highlight the participants' lack of knowledge about the discussed topics and the change in perspective after integrating theory and practice through the course. It underscores the importance of addressing issues not covered in the formal curriculum, such as the risks of improper internet use. Finally, the article emphasizes the relevance of digital inclusion and literacy initiatives in EJA and other educational levels and modalities, suggesting the continuation of such initiatives for students and teachers.*

Resumo. *Este artigo insere-se no contexto das Tecnologias Digitais na Educação e relata a experiência dos autores na condução de um curso de extensão de enfrentamento de riscos e golpes on-line para estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Os resultados destacam a falta de conhecimento dos participantes sobre os temas discutidos e a mudança de visão após a integração entre teoria e prática promovida pelo curso. Evidencia-se a importância de abordar assuntos não contemplados no currículo formal, como os riscos do uso inadequado da internet. Por fim, o artigo ressalta a relevância de ações de inclusão e letramento digital na EJA e em outras modalidades e níveis de ensino, sugerindo a continuidade de iniciativas para estudantes e professores.*

1. Introdução

As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), como computadores, dispositivos móveis, internet, softwares e redes sociais, estão presentes em diversos campos da sociedade. Hoje em dia, é impossível pensar nas interações sociais sem considerar o uso de alguma dessas tecnologias, mesmo que de forma indireta, pois elas influenciam as trocas entre os indivíduos. Diante deste novo cenário de interação, favorecido pelas tecnologias, é essencial que todos reconheçam suas responsabilidades nos espaços virtuais, além do contexto físico cotidiano.

Considerar esta realidade atual é particularmente importante, uma vez que o uso das TDIC modifica a forma como as pessoas convivem, dialogam e interagem, virtualizando ações que eram predominantemente presenciais nas últimas décadas. Com um crescente leque de possibilidades de uso das TDIC, diversas atividades, incluindo aquelas relacionadas ao trabalho, estudo e lazer, são significativamente transformadas. Exemplos incluem o uso de redes sociais e plataformas de videochamadas, que facilitam a comunicação entre as pessoas; os jogos virtuais, que proporcionam entretenimento e interação; e os serviços de *streaming*, que ampliam o acesso à cultura [Flauzino et al. 2020].

Embora as TDIC ofereçam uma série de facilidades e vantagens para as interações sociais, elas também apresentam diversos riscos, especialmente para "imigrantes digitais" que não possuem um domínio sólido no uso dessas ferramentas. Os imigrantes digitais compreendem o público que não nasceram no mundo digital, ou seja, adultos e idosos que apenas tiveram acesso às tecnologias digitais atuais em momento posterior a sua infância e adolescência [Prensky 2001].

Dados oficiais do governo revelam que o número de golpes direcionados a pessoas idosas aumentou em mais de 70% no Brasil em 2023, em comparação com os números do ano de 2022 [Nacional 2023]. Destaca-se que a maioria desses golpes é realizada via aparelhos telefônicos e em ambientes virtuais on-line. As raízes dessa alta incidência de golpes residem na ausência de conhecimentos digitais básicos, não apenas entre as pessoas com mais de 60 anos, mas em toda a população. Essa realidade é ressaltada pela Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), que divulgou que apenas 24% dos brasileiros têm habilidades digitais básicas [Lorenzo and Capozzi 2023].

Então, sabendo dos constantes riscos potencializados pelo avanço tecnológico, destaca-se a importância de promover ações e discussões sobre o uso adequado das TDIC no cotidiano. Nesse contexto, o presente trabalho objetiva relatar a experiência das pessoas autoras na realização de um curso de extensão destinado a debater, identificar e combater os principais riscos e golpes praticados na internet. A ação teve como público-alvo estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que estão fora do ensino regular, principalmente devido à idade mais avançada [Silva Carneiro et al. 2023]. O intuito do curso foi de promover habilidades digitais para reconhecer ameaças iminentes e medidas a serem tomadas nestas situações, tendo em vista a predominância desses golpes nos imigrantes digitais na EJA.

Para alcançar esse propósito, o artigo descreve e fundamenta o problema investigado em quatro seções. Primeiramente, é apresentada uma contextualização que aborda a EJA e introduz algumas noções sobre riscos virtuais; em seguida, são descritos os materiais e métodos utilizados no estudo; depois, são apresentados os resultados e a discussão; e, por fim, são apresentadas as conclusões derivadas dos principais achados do trabalho.

2. Contextualização

2.1. Educação de Jovens e Adultos

A alfabetização é um pilar essencial para o desenvolvimento individual e coletivo em qualquer sociedade, permitindo a participação do indivíduo em atividades sociais, econômicas, políticas e culturais, além de ser um requisito básico para a educação

continuada durante a vida [Melo 2006]. No entanto, há uma parcela significativa da população, composta por jovens e adultos, que não tiveram a oportunidade de frequentar a escola na idade apropriada ou que abandonaram precocemente os estudos [Silva et al. 2012]. Esses indivíduos, por não possuírem habilidades básicas de educação, como a alfabetização, acabam sendo marginalizados e excluídos de diversas oportunidades sociais e econômicas.

De forma geral, o perfil dos alunos da EJA é diverso em termos de idade e escolaridade, composto por indivíduos que, por diversos motivos, interromperam os estudos e não tiveram acesso à educação na idade apropriada. Formado basicamente por trabalhadores, desempregados e donas de casa, essas pessoas apresentam diferenças culturais, étnicas, religiosas e de crenças. Muitos tentam conciliar estudo noturno com trabalho diurno e enfrentam frustração por não terem concluído os estudos, mas veem a educação como uma oportunidade de melhores condições de vida [Santos 2023].

Nesse contexto, a modalidade de ensino EJA surge como uma ferramenta importante para o resgate social e inclusão desses indivíduos excluídos. A EJA não se limita apenas ao ensino de leitura e escrita, mas também representa uma oportunidade para esses indivíduos conquistarem o acesso à educação básica [Silva et al. 2012]. Vale destacar que essa modalidade é um direito respaldado pelo ordenamento jurídico nacional, sendo estabelecida como uma oferta obrigatória pelo Estado brasileiro desde a promulgação da Constituição de 1988 e reafirmada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 [Melo 2006].

Apesar dos esforços legais para garantir o acesso ao EJA, existem desafios educacionais a serem enfrentados. Um dos desafios está relacionado ao perfil predominante dos estudantes, que frequentemente são jovens e adultos de baixa renda que precisam obter certificação escolar para ingressarem no mercado de trabalho e, devido às disparidades entre idade e série, enfrentam dificuldades para continuar os estudos no ensino regular [Di Pierro 2005]. Portanto, a EJA, além de fornecer habilidades básicas de educação, também deve atender às demandas e aspirações desses indivíduos, oportunizando aprendizagens que os habilitem a competir no mercado de trabalho e se engajar na sociedade [Melo 2006].

Destaca-se a importância de promover ações voltadas para a discussão e integração das tecnologias digitais na EJA, dada a profunda inserção delas tanto no âmbito pessoal quanto profissional. Embora várias atividades já tenham sido realizadas nesse contexto [Abreu Silva et al. 2019] [Marineli and Reis 2022] [Rost et al. 2023] [Favero et al. 2023], é fundamental que haja ações contínuas envolvendo estudantes e professores em seus saberes curriculares e profissionais, focando também no uso e na interação com as TDIC no cotidiano. É essencial refletir que a integração das tecnologias digitais na EJA não devem se limitar apenas a uma formação técnica para o mercado de trabalho, mas também enfatizar o impacto social e a influência das TDIC nas relações interpessoais e diárias.

2.2. Riscos virtuais

A evolução tecnológica e a disseminação da internet transformaram o mundo em uma grande "aldeia global", onde as interações sociais foram digitalizadas, migrando do ambiente físico para o virtual [Nunes 2010]. Esse novo paradigma social trouxe uma mudança

significativa na maneira como as pessoas interagem, trazendo aspectos positivos, mas também ampliando os possíveis riscos que anteriormente estavam mais restritos às trocas e relações presenciais.

Os riscos incluem a exposição dos usuários nos ambientes virtuais, frequentemente impulsionada pela sua "ingenuidade tecnológica" [Nunes 2010]. Há uma série de perigos e riscos que as relações mediadas por tecnologias digitais trazem aos indivíduos. Um exemplo marcante é *cyberbullying*, caracterizado por ações de uma pessoa contra outra, usando de comportamentos agressivos e repetidos ao longo do tempo utilizando meios eletrônicos [Slonje et al. 2013]. Nessas situações, as redes sociais on-line são frequentemente utilizadas, facilitando e propagando ações de intimidação, assédio, ameaças e humilhações.

O *cyberbullying* pode ser o estopim de uma variedade de ações insidiosas nos ambientes virtuais, como a sextorsão e o aliciamento de crianças e adolescentes. A sextorsão é a forma pela qual criminosos chantageiam suas vítimas com ameaças de divulgação de conteúdo sexualmente explícito, geralmente obtido por meio da troca de mensagens on-line ou invasão de dispositivo móvel [Silva et al. 2023]. Por outro lado, no aliciamento, delinquentes estabelecem confiança de crianças ou adolescentes, visando envolvê-los em atividades sexuais para explorá-los por meio da produção e comercialização de materiais pornográficos [Moraes and Aguado 2014].

Destaca-se que a internet é um espaço onde diversos tipos de crimes podem ocorrer e um dos fatores que contribuem para o aumento dos casos é a sensação de anonimato que os ambientes virtuais proporcionam [Slonje et al. 2013]. Os exemplos mencionados e tantos outros que poderiam ser aqui explanados, como os muitos tipos de fraudes on-line e estelionato virtual, destacam a urgência da implementação de medidas de segurança e educação digital. A promoção de uma cultura de conscientização para o uso de TDIC é necessária para todos os grupos e classes sociais, para que existam relações virtuais mais seguras.

3. Materiais e Métodos

O curso de extensão abordado neste relato de experiência foi orientado por dois docentes da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e ministrado por dez estudantes do curso de Sistemas de Informação da Unidade Educacional Penedo dessa universidade. A realização da ação contemplou quatro etapas, conforme apresentado na Figura 1.

A etapa de **planejamento** compreende atividades relacionadas ao levantamento de referencial teórico sobre riscos voltados à utilização de tecnologias digitais e ao acesso à internet, além de buscas para a compreensão do perfil dos estudantes da EJA. As pesquisas teóricas foram conduzidas no Google Acadêmico (*Google Scholar*), dada a simplicidade da busca e abrangência de materiais. Ainda nesta fase, projetou-se pesquisas de campo na 9ª Gerência Regional de Educação de Alagoas (GRE) e na Secretaria Municipal de Educação (Semed) de Penedo/AL para identificar escolas que trabalhavam com a referida modalidade de ensino na cidade de Penedo/AL.

A etapa de **produção de material** envolve a escolha do local onde o curso será ministrado, a elaboração dos planos de aula e dos slides com base no referencial teórico, e a organização de equipes. De forma geral, as atividades desta fase incluem: definição



Figura 1. Etapas para a realização do curso

de escola, decisão tomada junto à 9ª GRE e Semed para abranger o maior número de estudantes possível; criação de planos de aula, contendo o tema de cada encontro, objetivos, conteúdos a serem explicados, metodologia de aprendizagem e formas de avaliação; produção de slides no software *Microsoft PowerPoint*; e organização de equipes para o momento de realização do curso. Ressalta-se que o critério de escolha dos temas foi baseado no destaque que tiveram na mídia à época da realização do curso, e que cada encontro ficou sob a responsabilidade de uma dupla de alunos.

A etapa referente à **execução do curso** compreende a apresentação do material elaborado aos estudantes. A apresentação prioriza encontros dialogados e minimiza a exposição de teoria, focando em casos práticos que consideram diversos aspectos do cotidiano dos estudantes da EJA. Os encontros são precedidos por uma introdução ao tema e avaliações diagnósticas para verificar o nível de conhecimento prévio dos alunos. Ao final das discussões, a verificação do conhecimento dos alunos é realizada por meio da participação e contribuição nas respostas às perguntas apresentadas nos slides, com o objetivo de avaliar a assimilação dos temas discutidos durante os encontros.

Simultaneamente às etapas anteriormente discutidas, ocorre a **avaliação e controle** que visa analisar se as ações estão sendo condizentes com os objetivos pretendidos. Nessa fase, reuniões são realizadas com os docentes orientadores para validar os dados provenientes das pesquisas teóricas e de campo, para revisar os materiais criados e para validar as avaliações prévias e finais realizadas. Além disso, são propostas ações de acompanhamento, com a presença de estudantes de SI entre os alunos da EJA para sanar dúvidas pontuais, evitando interrupções no fluxo das discussões durante os encontros presenciais e auxiliando os alunos que ministram os conteúdos. Por fim, esta etapa inclui o desenvolvimento de um relatório final que registra o que foi realizado, destacando os pontos positivos e identificando áreas que necessitam de melhorias.

4. Resultados e Discussão

Cada uma das quatro etapas apresentadas na seção de Materiais e Métodos trouxe significativos resultados que serão discutidos nesta seção.

Na etapa de **planejamento**, ocorreu uma pesquisa geral feita pelos ministradores do curso sobre os temas voltados aos riscos virtuais, os quais incluíram: sexting, sex-

torsão, divulgação de informações privadas, compartilhamento de acidentes e tragédias, exploração de crianças e adolescentes na internet, abuso sexual em ambientes digitais, *cyberbullying* e *grooming*. Destaca-se que cada um desses temas foi alinhado ao perfil dos estudantes da EJA conforme o referencial teórico orientador e, ainda nesta etapa de planejamento, foram propostos 5 encontros, cada um com duração de 2 horas e periodicidade semanal.

A etapa de **produção de material**, iniciou-se com o resultado da pesquisa de campo para a definição do local do curso. Após entrevistas e conversas com a 9ª GRE e Semed, foi indicada a Escola Municipal Manoel Soares de Melo, por representar o polo da EJA na cidade de Penedo/AL. Em paralelo, na produção dos materiais foram construídos 10 planos de aula, sendo 8 com especificidades de cada um dos temas selecionados e 2 voltados para o início e encerramento do curso. A organização dos temas e equipes foi estruturada em 5 encontros, conforme demonstrado na Tabela 1.

Além disso, foram criados 5 slides, com síntese dos temas de riscos virtuais citados, dando destaque para imagens, recortes de notícias, vídeos e reportagens veiculadas em jornais e programas de televisão, e dois questionários (pesquisa survey) com 10 perguntas objetivas, sendo um para diagnóstico prévio do conhecimento sobre os riscos virtuais tratados no curso e outra para ser aplicada após todos os encontros, com o objetivo de mensurar o conhecimento adquirido.

Tabela 1. Organização dos temas do curso

Encontro	Materiais e duração	Temas
1	2h - projetor, caixa de som, microfone, slides e questionário impresso	- Introdução ao curso - Sexting
2	2h - projetor, caixa de som, microfone e slides	- Sextorsão - Divulgação de informações privadas
3	2h - projetor, caixa de som, microfone e slides	- Compartilhamento de acidentes e tragédias - Abuso sexual em ambientes digitais
4	2h - projetor, caixa de som, microfone e slides	- Exploração de crianças e adolescentes - Grooming
5	2h - projetor, caixa de som, microfone, slides e questionário impresso	- Cyberbullying - Encerramento do curso

A **execução do curso** ocorreu durante o horário de aula dos estudantes da EJA, pois, devido às particularidades deste público, não seria possível agendar um horário diferente daquele em que eles já estavam na escola. Ao todo, houve o comparecimento de 43 do total de 56 alunos segundo segmento da EJA da escola alvo da ação, oscilando entre 37 e 43 nos 5 dias de encontros, com média de 97,56% de frequência. A faixa etária dos participantes variou entre 19 e 62 anos. É importante salientar que, no início do curso, foi realizada uma avaliação prévia por meio da aplicação de questionário com questões para cada um dos temas a serem abordados, contendo as seguintes alternativas de resposta:

”conheço e sei definir do que se trata”e ”não conheço nem sei definir do que se trata”.

A Figura 2 mostra o resultado desta pesquisa inicial realizada com 39 estudantes que compareceram no primeiro encontro. Notou-se que a maioria dos participantes tinha pouco conhecimento sobre os temas a serem debatidos, tanto pela falta de familiaridade com os termos quanto pela falta de consciência de que algumas das práticas relatadas também ocorriam em ambientes virtuais.

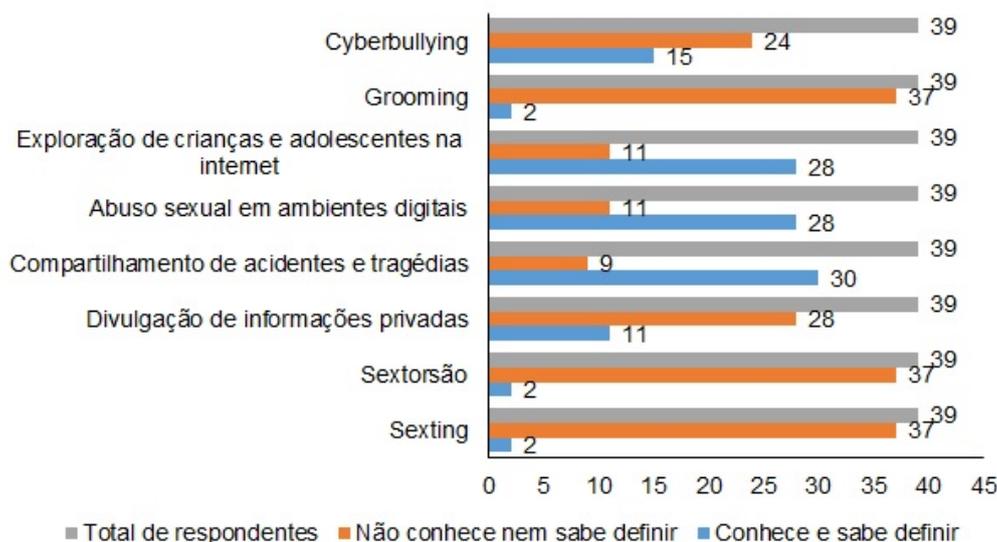


Figura 2. Levantamento inicial sobre o conhecimento dos estudantes

Durante a execução do curso houve uma participação ativa nas discussões, especialmente quando foram apresentados recortes de notícias/casos e vídeos com relatos de vítimas de crimes ocorridos pela internet. Alguns estudantes também compartilharam experiências próximas de pessoas que enfrentaram situações semelhantes às discutidas nas aulas. De modo geral, os encontros proporcionaram debates significativos voltados ao reconhecimento e combate aos riscos virtuais apresentados. A Figura 3 ilustra um dos encontros realizados.

Salienta-se que os temas que despertaram mais interesse ou curiosidade entre os participantes foram o compartilhamento de acidentes e tragédias e os aspectos relacionados a crimes envolvendo crianças e adolescentes, uma vez que a maioria do público tinha filhos ou netos com grande atividade virtual. As principais percepções dos estudantes de SI após a realização do curso foram que ações como essa são muito necessárias, tanto para um público mais adulto quanto para os mais jovens, pois ambos precisam conhecer as vantagens e os riscos na utilização de TDIC. Assim, percebe-se que o conhecimento adquirido pelo público-alvo pode contribuir para a criação de um ambiente on-line cada vez mais seguro, abrangendo uma nova forma de produzir e agregar conhecimento ao campo pessoal e profissional dos estudantes.

Sobre os resultados da aplicação do questionário ao término do curso, demonstrou-se uma assimilação satisfatória do conteúdo, assim como uma avaliação positiva da condução das aulas. Esse questionário foi dividido em duas partes: uma com o mesmo conteúdo do questionário inicial e outra voltada para a avaliação do curso em



Figura 3. Foto de uma das aulas do curso ministrado

si. A Figura 4 ilustra o resultado da parte relacionada à compreensão dos temas abordados, destacando que a maioria dos 41 respondentes manifestou conhecer e saber definir o significado de cada um dos pontos discutidos nos encontros.

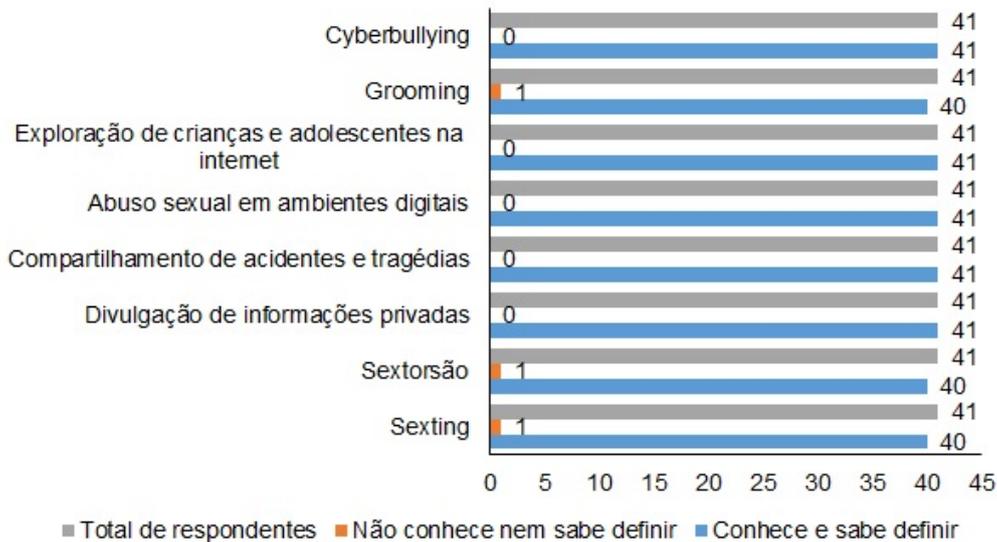


Figura 4. Levantamento final sobre o conhecimento dos estudantes

Na segunda parte do questionário final, cujo foco foi a avaliação do curso, os 41 estudantes responderam o grau de concordância (considerando escala de 1 a 5) sobre 6 afirmações: "A duração do curso foi adequada", "O horário de início e fim curso foi adequado", "Os professores tinham conhecimento suficiente sobre os assuntos", "Os materiais do curso foram fáceis de entender"; "Você se sentiu satisfeito depois de finalizar o curso"; e "Você participaria de outro curso como este". A Figura 5 mostra que houve acentuada convergência com as afirmações apresentadas, com respostas predominantemente 5 (em azul na figura), indicando satisfação quanto ao curso realizado e uma visão positiva em relação aos aspectos tratados.

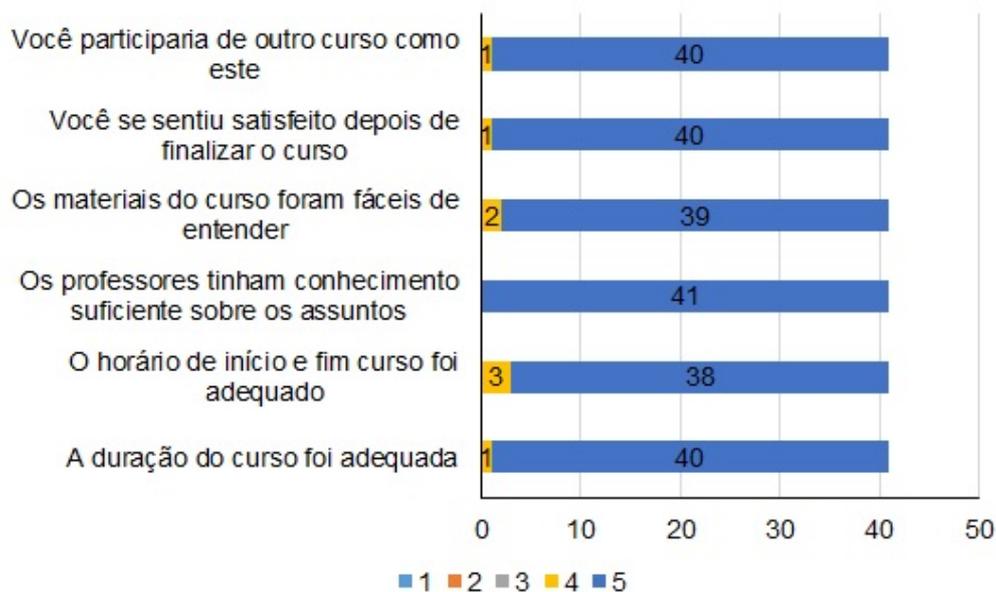


Figura 5. Níveis de concordância em relação à Avaliação do curso.

Os estudantes de SI relataram como lição aprendida a importância de incluir discussões sobre tecnologias digitais em diversos contextos educacionais, não apenas na EJA, como neste relato, mas também em outros níveis, considerando as particularidades de perfis de cada público. A influência da internet e das tecnologias digitais na sociedade é inevitável, portanto, é fundamental evitar que sua integração no ensino limite-se apenas ao aspecto técnico e formativo, devendo-se também priorizar o âmbito pessoal num contexto de cidadania digital.

Finalmente, no que diz respeito aos resultados da etapa de **avaliação e controle**, observou-se que não houve desvio do objetivo geral do curso, porém, devido ao alto nível de participação observado durante a exibição de vídeos, foi necessário reduzir ainda mais a parte teórica das aulas para concentrar-se na exploração de conteúdos jornalísticos com exemplos concretos. Tanto as reportagens de telejornais quanto os recortes de manchetes de artigos on-line foram priorizados para estimular mais discussões e promover reflexões que extrapolassem os momentos de encontro, alcançando a vivência cotidiana dos participantes.

5. Conclusão

Este trabalho relatou a experiência dos autores na execução de um curso de extensão, voltado a estudantes da modalidade de ensino EJA, que teve como objetivo debater, identificar e combater os principais riscos e golpes praticados na internet. Por meio de cinco encontros, foram explicados temas inerentes a práticas que podem causar grande mal aos usuários de tecnologias digitais, envolvendo desde sextorsão, divulgação de informações privadas a *cyberbullying* e *grooming*.

Destaca-se que as ações de extensão, como a descrita neste estudo, trazem contribuições significativas para todos os envolvidos. Os estudantes de graduação se beneficiam ao aprofundarem-se em temas que, de maneira geral, são apenas menciona-

dos rapidamente em seus cursos. Os participantes externos são envolvidos em reflexões que ultrapassam os assuntos abordados pelo currículo formal das escolas, especialmente quando reconhecem a ocorrência de situações debatidas em seu cotidiano. Em ambos os casos, a integração entre teoria e prática promove uma produção significativa de conhecimento.

De forma especial, é primordial enfatizar a importância de ações de inclusão, alfabetização e letramento digital para os estudantes da EJA. Esse público necessita de atenção especial na elaboração de estratégias que os integrem social e digitalmente, especialmente devido ao histórico de marginalização educacional enfrentado ao longo dos anos. Trabalhar com estudantes da EJA, dada a diversidade de perfis dos estudantes, requer uma abordagem pedagógica contínua por parte dos professores no que diz respeito ao uso das tecnologias digitais, a fim de que possam integrar adequadamente os conteúdos da educação formal com as TDIC.

Como trabalhos futuros, no âmbito das ações de extensão, recomenda-se continuar a concepção de projetos, cursos e/ou eventos voltados para a educação digital, incorporando abordagens multi, inter e transdisciplinares para promover a inclusão por meio de diálogos que envolvam toda a sociedade. Essas discussões não devem se limitar apenas aos riscos dos ambientes virtuais, mas também devem abordar o uso das tecnologias para promover o respeito à diversidade, às diferenças de gênero, raça e etnia. Dessa maneira, busca-se uma internet cada vez mais inclusiva, com indivíduos conscientes de seus papéis tanto on-line quanto off-line.

Referências

- Abreu Silva, J. V., Soares, R., Oliveira Garcia, L. L., Silva Rodrigues, C. E., Lima, W. D., and Silva, A. A. (2019). A promoção de inclusão digital de estudantes da educação de jovens e adultos (EJA) através da extensão universitária. In *Anais do Workshop de Informática na Escola*, volume 25, pages 227–235.
- Di Pierro, M. C. (2005). Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil. *Educação & Sociedade*, 26:1115–1139.
- Favero, R. V. M., Cardoso, R. G. W., and Segabinazzi, S. D. (2023). Educação de jovens e adultos e cultura digital: um estudo de caso no colégio de aplicação da UFRGS. In *Anais do XXIX Workshop de Informática na Escola*, pages 1352–1357. SBC.
- Flauzino, K. L., Pimentel, M. G. C., Batistoni, S. S. T., Zaine, I., Vieira, L. O. B., Rodrigues, K. R. H., and Cachioni, M. (2020). Letramento digital para idosos: percepções sobre o ensino-aprendizagem. *Educação & Realidade*, 45(4):e104913.
- Lorenzo, A. D. and Capozzi, B. (2023). Anatel: 76% dos brasileiros não têm habilidades digitais básicas. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2023/09/06/internet-e-redes-sociais/anatel-76-dos-brasileiros-nao-tem-habilidades-digitais-basicas/>. Acesso em mar. 2024.
- Marineli, R. C. and Reis, M. L. (2022). A utilização das tecnologias e ambiente virtual de aprendizagem na educação de jovens e adultos. *Dialogia*, (41):e21460–e21460.
- Melo, R. M. (2006). Educação de jovens e adultos. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/17606>. Acesso em mar. 2024.

- Moraes, M. L. and Aguado, A. G. (2014). O uso da internet para aliciamento sexual das crianças. *Revista Tecnológica da Fatec Americana*, 2(1):23p–23p.
- Nacional, J. (2023). Número de golpes contra pessoas idosas cresce mais de 70% em 2023 — jornal nacional — g1. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/07/03/numero-de-golpes-contra-pessoas-idosas-cresce-mais-de-70percent-em-2023.ghtml>. Acesso em mar. 2024.
- Nunes, P. (2010). Mundos virtuais, riscos reais: fundamentos para a definição de uma estratégia da informação nacional. *Revista Militar*, 2506:1169–1198.
- Prensky, M. (2001). Digital natives, digital immigrants part 2: Do they really think differently? *On the horizon*, 9(6):1–6.
- Rost, É., Silva, T. A. R., Firmino, C. P., Cruz Valério, M., and Silva, F. S. (2023). O uso das tecnologias digitais na EJA: a temática biodiesel como tema gerador no ensino de química durante a pandemia. *Peer Review*, 5(3):356–374.
- Santos, C. C. (2023). O perfil histórico da EJA no brasil. *GESTÃO & EDUCAÇÃO*, 6(04):26–A.
- Silva, A. F., Toledo, J. F. D. E., Silva, R., and Maia, M. A. G. (2012). Educação de jovens e adultos. *XII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e VIII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba. Aracaju: UNIT*.
- Silva, J. G. R., Ferreira, M. G. B., and Carvalho, M. N. F. (2023). *Sextorsão como uma forma de violência contra a mulher*. 22. f. Monografia (TCC), Centro Universitário Tabosa de Almeida, Caruaru - PE.
- Silva Carneiro, R. J., Sampaio, C. S. C. S., Neves Barbosa, J. S., Oliveira, P. C. G., and Oliveira, V. C. (2023). Breves considerações sobre a modalidade educação de jovens e adultos (EJA). *Editora Licuri*, pages 205–214.
- Slonje, R., Smith, P. K., and Frisén, A. (2013). The nature of cyberbullying, and strategies for prevention. *Computers in human behavior*, 29(1):26–32.